

## Artigo

# A PADRONIZAÇÃO E REGRAMENTO DE NORMAS E CONDUTAS ATRAVÉS DO MANUAL DO SERVIÇO SAGRADO

Por Marcos Vinícius da Silva Ramos

**RESUMO:** Este breve artigo analisa algumas informações contidas no Manual do Serviço Sagrado – guia destinado aos obreiros da Igreja Universal do Reino de Deus. Essa obra estabelece as normas e as práticas consideradas como ideais para um obreiro dessa instituição. Além disso, este documento traz informações sobre as concepções teológicas empregadas por esta Igreja e sustenta que, subjacente a um ideal de vida ascética, existe um regramento de normas e condutas, interferindo em questões como indumentária, maquiagem, corte de cabelo e unhas, enfim, em assuntos que, a priori, não parecem tão sujeitos à vida espiritual, mas que, na lógica iurdiana fazem todo sentido, pois o obreiro não é um indivíduo, mas a personificação tanto da Igreja quanto da obra de Deus. O obreiro iurdiano é, grosso modo, reflexo do perfil ideal tanto do homem quanto da mulher de Deus.

**Palavras Chaves:** neopentecostalismo; teologia; obreiro.

## Introdução

**S**endo uma igreja oriunda de um dos ramos do protestantismo, a Igreja Universal do Reino de Deus<sup>1</sup> afasta-se do protestantismo histórico no quesito estritamente teológico. Há, predominantemente, nas igrejas reformadas históricas, uma clara delimitação das questões confessionais e doutrinárias, além de uma tradição de produção intelectual que busca legitimar suas posições; já na Universal, esta

<sup>1</sup> Ora será usado o nome completo da Igreja, ora será usada a sigla IURD, para se referir às práticas institucionais e/ou de seus membros, o termo iurdiano(a) também será utilizado.

linha é tênue e apresenta uma tendência de se transformar constantemente devido aos seus inúmeros processos de reelaborações e ressignificações. Enquanto o protestantismo histórico, numericamente, estagna-se, a Igreja Universal do Reino de Deus não para de crescer. Desde sua fundação, o boom foi uma questão de tempo. Clara Mafra traz-nos o dado de que, em 1994, entre os evangélicos do estado do Rio de Janeiro, a IURD era a terceira maior denominação evangélica (MAFRA, 2001, p. 69). O historiador Wander de Lara Proença também aponta para a crescente iurdiana em um curto espaço cronológico.



Três anos após sua fundação, a denominação contava com 21 templos espalhados por cinco estados. Sete anos depois, esse número pula para 195 igrejas em 14 unidades federativas (PROENÇA, 2011, p. 156).

O crescimento da IURD é inegável, porém, estudar este movimento não é tão simples quanto pode parecer. Como um historiador atento aos discursos, fico impedido de fazer algumas análises que seriam mais “fáceis”, por exemplo, tendo como objeto a Igreja Católica. Por se afirmar como uma tradição intelectual e doutrinária, esta Igreja acumula documentos, atas, bulas e outras formas que ‘facilitam’ o trabalho historiográfico, definindo o sagrado e o herético. Ao estudar tal instituição, o historiador sabe por quais caminhos pode trilhar e seguir; porém, o historiador que tem a IURD como objeto de estudo não pode calcar-se destes aparatos. Isso não quer dizer que a Universal não produza teologia. Não produz, talvez, nos “moldes clássicos”, como

os católicos e protestantes históricos – através de tratados, concílios – mas está sempre produzindo de outras maneiras. Assim como todas as instituições, a Igreja Universal é produto de seu tempo. Esta, ao “ignorar” a cultura letrada e se articular através de rádios, jornais e programas de televisão, cria uma ponte entre a cultura oral suburbana e a cultura virtual (MAFRA, 2001, p. 49). Cabe a nós saber lidar com tais formas de documentação e, sem dúvidas, o Manual do Obreiro<sup>2</sup> é um documento em que as concepções teológicas e doutrinárias da Igreja são expostas.

### **Manual: não para o homem, mas para Deus**

O título do manual do obreiro iurdiano não deixa dúvidas de que, ao se moldar àqueles padrões, o homem ou mulher não estarão prestando um serviço à Universal, mas a Deus. Qualquer tipo de resistência às normas não é uma desobediência à instituição, mas ao Deus de Israel. É certa, aqui, a pretensão em tirar a ênfase de qualquer tipo de interferência humana, interesses ou questões ideológicas sobre a composição de tal manual; ou seja, tudo que está contido ali é, grosso modo, revelado pelo Senhor aos seus servos.

*Conforme cremos, o Espírito Santo dirige toda a Obra e escolhe Seus servos para cumprirem Seus propósitos. Sabedores disso, não há necessidade de questionar algumas limitações colocadas aqui como normas, porque a obediência a elas trata resultados satisfatórios e, principalmente, agrada a Deus, de forma que o obreiro será capacitado para a realização do Serviço Sagrado.<sup>3</sup>*

Há, subjacente a este discurso, uma lógica de troca. Ao se adequar a tais padrões, a

<sup>2</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/>. Acesso em: 19 de set. 2018

<sup>3</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/> Acesso em 19set. 2018.

pessoa estará apta a ser uma representante do ‘reino de Deus’ na Terra, o qual é mediado pela Igreja. Isso se dá devido ao capital de autoridade propriamente religiosa que a instituição tem (BOURDIEU, 2007, p. 58). Ao cumprir tais normas, o obreiro é vestido de uma unção, estando pronto para lidar com as adversidades que certamente chegar-lhe-ão. O cargo de obreiro na Universal tem um valor simbólico demasiadamente prestigioso, pois eles são fundamentais no funcionamento da Igreja e de suas missões. Mais que isso, é um trabalho honroso, pois ao mesmo tempo em que há uma troca de autoridade religiosa, não há compensação monetária; o obreiro exerce tal cargo porque foi escolhido, pois ajudar a salvar almas, na economia da salvação, vale mais do que qualquer coisa.

*A experiência de ser um obreiro ou uma obreira na IURD, onde se luta diariamente com os demônios, é a base para que esse trabalho evangelístico, feito com muito amor, cresça cada vez mais em todo o mundo. Os obreiros têm uma atuação indispensável, porque são os cartões de visita da Igreja e desempenham as mais variadas funções. Fazem tudo isso por amor a Jesus. Não recebem salário; é um trabalho voluntário. Para os que são convertidos, ser obreiro é considerado um privilégio, porque compreendem que são escolhidos por Deus para esta missão.<sup>4</sup>*

A transformação de vida pós-conversão é fundamental na mensagem iurdiana. O Deus que opera na Universal não é o “Cristo morto” (MARIANO, 1999, p. 69), apresentado pelo catolicismo, nem o Cristo do “evangelho mamão com açúcar”, pregado pelos protestantes tradicionais; quem age por intermédio da Universal é o Deus vivo, sempre capaz de realizar milagres. Por mais que o ascetismo seja algo inerente ao obreiro, as especificações feitas no manual não condizem especialmente à sua vida espiritual, mas às questões, como, por exemplo, indumentária, forma de

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.igrejauniversal.org.br> Acesso em 19 set. 2018.

tratamento e de comportamento, higiene pessoal e outras coisas. Obviamente, todos estes cumprimentos resultarão no “perfil” do obreiro perfeito e a vida espiritual está intrínseca a isto, mas, o que chama atenção, é a forma como estes “valores ascéticos” são deixados de lado e sobrepostos a questões que, despercebidamente, podem parecer banais, mas são fundamentais à construção da imagem que a Universal cria sobre si e transmite. Para isso, a supervalorização da roupa, por exemplo, é uma forma de controle e padronização de seus obreiros. As vestes têm, para a Universal, “um valor espiritual dado pelo próprio Deus”,<sup>5</sup> pois, segundo informações contidas no documento, “não há nenhuma outra roupa, por mais cara que seja no mundo da moda, que se compare ao valor espiritual que o uniforme de obreiro tem. Por isso, não devemos tratar um tesouro inestimável como este de forma relaxada, mas com zelo e reverência”.<sup>6</sup> Seguindo tal lógica é possível perceber, como dito, que as roupas não são apenas objetos indumentários, mas, há santidade nela.

No protestantismo histórico, por exemplo, as roupas não possuem nenhum tipo de valor espiritual. Obviamente, há uma ideia implícita que a forma de se vestir e de se portar deve ser condizente com os padrões cristãos,<sup>7</sup> e, nesta questão, está implícita a ideia de “consciência” e do “amadurecimento” que cada indivíduo tem, principalmente porque, após a conversão e o “batismo do Espírito Santo”, alguns assuntos não precisam de regras e nem

<sup>5</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/> Acesso em 19 set. 2018.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Poderia ser feita, aqui, uma discussão do que seriam tais “padrões cristãos”, porém, opto por não me aprofundar nisto. Outrora, fico com a ideia de que tais padrões se parecem muito nas diversas denominações históricas e estão ligados à vida ascética, baseada na exegese bíblica e principalmente na leitura do Novo Testamento, dando ênfase aos escritos paulinos.

de normas, pois há um constrangimento – por parte do Espírito Santo – que dá capacidade à pessoa para discernir sobre aquilo. Mesmo depois disso, não há, explicitamente, como no caso da IURD, manuais ou folhetos que coíbam ou estimulem determinados tipos de roupas, maquiagens, formas de comportamento etc. O valor dado à roupa pela IURD pode ser, também, ligado à cultura judaica, presente no Antigo Testamento, no qual, determinadas peças eram proibidas ou permitidas em detrimento de outros itens. Os sacerdotes, juízes e pessoas que tinham cargos importantes, mantinham um padrão que deviam seguir para cumprir determinados ritos e funções. Os maiores choques entre cristãos e judeus, por exemplo, dão-se também por tais fatores, pois há a defesa – por parte dos cristãos – que com o sacrifício de Cristo, estes padrões e tradições não faziam mais sentido devido à justificação. Além de uma forte apropriação da cultura judaica, a teologia neopentecostal caracteriza-se pela interpretação literal do Antigo Testamento, não fazendo a exegese e a diferenciação de contextos históricos, como neste caso (AMARAL, 2019 [prelo]). Mesmo se apropriando culturalmente do judaísmo sobre a questão indumentária, no fim das contas, tais releituras literais do Antigo Testamento não cessam aí; nos cultos, atualmente, o bispo Macedo tem usado constantemente o quipá, além das campanhas e festas que remetem ao Israel antigo.<sup>8</sup>

A imagem do obreiro perfeito não está unicamente ligada à sua vida espiritual, mas também pela forma em que este se comporta, se veste, se higieniza e se, de fato – após encaixar-se em tais normas – representa a Universal, pois, segundo o bispo Edir Macedo, “se

<sup>8</sup> Sobre a apropriação que a IURD faz do judaísmo em relação às festas e campanhas, o historiador Wander de Lara Proença traz-nos melhores detalhes e reflexões em sua tese de doutorado.

Deus não é visível na pessoa, então não houve batismo com Espírito Santo”.<sup>9</sup>

Novamente, em um vídeo, ao decorrer sobre a “santidade do uniforme”, bispo Macedo afirma:

*Eu estava falando com o rapaz, responsável pelos uniformes, eu falei: os uniformes que você faz é algo sagrado, santo. Você está servindo a Deus! Por favor, não pense em dinheiro; o dinheiro vem como uma coisa natural, mas não é o objetivo. O que você está fazendo tem que ser com santidade, com temor. Porque essas pessoas vão vestir um uniforme que vão espelhar a glória de Deus. Que vão espelhar a mão de Deus para as pessoas aflitas, necessitadas. Então, esse uniforme tem que ter a maior santidade. Tem que fazer com carinho, tem que ser o melhor. Não pode ser mal feito. Não pode ser considerado mais uma roupa. Tem que ter todo carinho. E as obreiras, por sua vez, tem que ter um carinho para com seu uniforme. Porque quando alguém de fora ver você uniformizado, ela irá respeitá-la como uma pessoa de Deus.<sup>10</sup>*

Há, na concepção de Macedo, supra, a ideia de que há um trânsito do poder de Deus através do uniforme do obreiro iurdiano. O uniforme não é mais uma roupa, mas “a roupa”, aquela em que é espelhada a glória de Deus. Estas roupas são a forma do “pagão” identificar o servo do Senhor, onde este estiver. Tal uniforme é, sobretudo, uma “armadura espiritual”.

### **O perfil do homem de Deus: do cabelo à barba**

A figura do homem,<sup>11</sup> no cristianismo, é es-

<sup>9</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/>. Acesso em 19 set. 2018.

<sup>10</sup> A redação manteve o texto em formato original, mesmo contendo erros de concordância. Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/blog/2017/06/11/santidade-ao-uniforme/> Acesso em 19 set. 2018

<sup>11</sup> Refiro-me a homem no quesito puramente biológico, optando por não entrar em uma possível discussão de gênero e sexualidade.



sencial, desde sua criação, passando pela queda adâmica à redenção. Historicamente e culturalmente, os homens têm uma posição de maior destaque, sendo estes representados como “cabeças” da casa, dos relacionamentos, etc. Segundo Macedo, “hoje, o homem de Deus simboliza o rei em Israel” (MACEDO, 2002, p. 85), ou seja, o homem está, hierarquicamente, apenas abaixo de Deus. Referindo-se ao uniforme masculino, o Manual esclarece a especificidade do tipo de roupa e do tipo de reunião. Os uniformes e as peças que o compõem variam de acordo com a época do ano ou com o tipo de reunião.

*Para ajudar nas reuniões, é imprescindível que os obreiros (as) utilizem o uniforme. Existem diversas composições do uniforme que atendem às necessidades específicas de cada situação. Por isso, é preciso seguir fielmente o modelo adequado, de acordo com a reunião em que ele será utilizado.<sup>12</sup>*

Há, novamente, remetendo-se à antiguidade, a ideal dos ritos hebraicos, nos quais existiam peças, roupas e ornamentos específicos para determinadas pessoas e para determinados momentos. A Universal tenta passar determinada imagem através de seus obreiros. Além da composição do uniforme, seguem-se recomendações de como lavá-lo, como conservá-lo e qual é o tom de cor ideal para que este seja usado. Doravante, há uma série de normas de higiene sobre as quais o obreiro deve segui-las: as unhas devem estar sempre limpas e cortadas, os cabelos sempre cortados, e a barba sempre bem-feita, observando “o comprimento simétrico dos fios”,<sup>13</sup> para “não transmitir uma imagem de descuido ou falta de higiene”.<sup>14</sup>

Mesmo sendo bem claras, as normas

<sup>12</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/> Acesso em 19 set. 2018.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/> Acesso em 19 set. 2018.

<sup>14</sup> Ibidem.

recomendadas aos homens não são tão específicas quanto às das mulheres. Mesmo recomendando os cabelos sempre cortados, o Manual não exige um corte específico, como nos casos femininos. Por ora, é explícita a tentativa e a intenção de construção do tipo ideal de homem, na qual, esse, após o cumprimento de tais normas e aconselhamentos, estaria apto para representar a glória de Deus, mediada pela IURD. Esse, após se encaixar no padrão proposto, poderia ser, como diz Macedo, identificado no meio da rua até mesmo por um “pagão”. O uniforme, a barba feita, as unhas e cabelos cortados, constituem o poder simbólico (BOURDIEU, 2007) que o obreiro iurdiano representa.

### **O Perfil da Mulher de Deus: do cabelo à maquiagem**

A figura da mulher, na Igreja Universal do Reino de Deus, não é deixada de lado. Devido ao machismo estrutural na sociedade brasileira, a figura da mulher, por muito tempo, fora reduzida às “questões da casa”,<sup>15</sup> mas, na IURD, a figura feminina é essencial principalmente na construção da espiritualidade do homem. Segundo Macedo, “a mulher faz e desfaz de um homem, mas uma mulher de Deus faz homens de Deus” (MACEDO, 2009, p. 4). Mas, ao mesmo tempo em que a mu-

<sup>15</sup> Existem inúmeros trabalhos sobre questões de gênero em diferentes períodos históricos da sociedade brasileira. Entretanto, ao abordar a história social da prostituição no início da república e sobretudo lógica dicotômica entre mulher da casa versus mulher da rua, Cristiana Schettini nos apresenta com um belíssimo trabalho e nos mostra como relações de poder e gênero exerceram influência sobre mulheres e como estas, de alguma forma, foram agentes de suas próprias histórias. Para mais informações, consultar SCHETTINI, Cristiana. “Que tenhas teu corpo”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 264 p.



lher é de suma importância, também pode ser “perigosa”:

*O sucesso de um homem, não importando a profissão que ele exerça, depende muito da mulher que faz parte da sua vida. Ela é, na verdade, co-responsável tanto pelo seu sucesso quanto pela sua desgraça. O rei Salomão, com toda a sua sabedoria e poder, não pôde resistir aos caprichos e envolvimento das mulheres. Acabou perdendo toda a sua glória justamente por causa delas. (ibidem, p. 10).*

O poder que a mulher tem, benéfico ou maléfico, é imenso, segundo a teologia iurdiãna. Deve haver, portanto, um tipo de policiamento, para que a mesma se encaixe no “perfil ideal”. Para Macedo, não há problema no fato da mulher ser vaidosa, usar maquiagem ou determinados tipos de roupas, mas há um limite para que tais cuidados não se tornem pecaminosos. No livro *O Perfil da Mulher de Deus*, no capítulo quatro, intitulado de “as vestes da mulher virtuosa”, ele afirma:

*[...] É dever de toda mulher, especialmente se ela é de Deus, procurar ter a melhor aparência possível, para se apresentar na igreja*

*ou em qualquer outro lugar. Isto, entretanto, não deve exceder os limites, para que não se vista e se maquie de tal forma que atraia a atenção de todos.*

*Todo o zelo que tiver com o seu exterior deve ser observado com a máxima discrição e simplicidade. As vestimentas sensuais e eróticas são condenáveis pela Palavra de Deus, uma vez que excedem o bom senso, além de fazerem transparecer um caráter totalmente inverso ao de Deus.*

*As mulheres que deixam extravasar sua sensualidade, quer através do seu comportamento, quer de suas vestimentas, agem desta forma porque têm um espírito demoníaco, chamado pomba-gira. Por acaso não procedem assim as prostitutas, quando querem atrair clientes?” (ibidem, p. 37).*

Ao fazer tais afirmativas, Macedo deixa claro que existe, sim, um padrão que deve ser seguido, para que a mulher seja uma ‘representante’ de Deus na Terra. Ele trabalha, de forma dicotômica, a ideia de mulher cristã x mulher pagã, e a forma de conhecer tais, exteriormente, é através das vestes; por isso, a obreira da Universal, além de ser reconhecida como mulher de Deus pelos pagãos, deve se

encaixar em determinados padrões para que possa fazer a diferença, pois, como supracitado, Macedo acredita que a conversão da pessoa deve ser atestada devido à sua postura perante a sociedade e isso inclui, nessa lógica, padrões indumentários.

No Manual do Serviço Sagrado, a parte destinada às mulheres é bastante clara quanto às regras e normas que devem ser seguidas. O uniforme das mulheres, assim como o dos homens, obedece a premissa de ser específico para determinadas reuniões ou estações do ano. Além do uniforme tradicional, segue-se, doravante, recomendações como o tamanho e cor do brinco ideal e também, respectivamente, das peças íntimas (calcinha e sutiã). Além do uniforme e dos adornos, a maquiagem e a forma como deve ser feita também é indicada. A maquiagem deve ser bem natural e neutra, sendo útil a todas as ocasiões (cultos, reuniões, campanhas). Sobre as unhas, as cores permitidas de esmalte são os tons avermelhados, discretos – como marrom, bege – e transparentes; cores mais chamativas, como alaranjado, são proibidas. Unhas descascadas aparentam desleixo, então se recomenda estar com as mesmas sempre feitas ou então “limpas” – sem esmalte; desenhos ou decorações nas unhas não são permitidas, pois não combinam com os uniformes, a única permitida é a francesinha tradicional. Sobre os cabelos, o manual traz a seguinte indicação:

*Mulheres amam mudanças, e por esta razão surgem novas tendências todos os anos para mudar os cabelos, tanto nas cores, quanto no corte. Porém, é fundamental ter o cuidado para escolher algo que combine com a cor de sua pele, o formato de seu rosto e principalmente com o seu estilo de vida cristã.*<sup>16</sup>

Desde o formato do corte à cor de cabe-

lo, tudo deve ser escolhido de acordo com a concepção de vida cristã. Tudo, no corpo do obreiro da Igreja Universal, dos pés à cabeça, literalmente, é para ser diferenciado e representar a glória de Deus e a IURD, respectivamente. No manual, isto fica explícito:

*Vale lembrar que não representamos uma empresa ou um produto, mas o nosso Deus. Sendo assim, preze pela descrição dos seus cabelos, observando com bom senso o que não condiz com um uniforme. Cabelos presos dão excelente aspecto de uniformidade e higiene.*<sup>17</sup>

Seguindo a mesma lógica sobre a maquiagem e unhas, somente alguns cortes de cabelo são permitidos – cores também. Os objetos permitidos no cabelo são a presilha e as tiaras. As primeiras devem ser pequenas, nas cores azul-marinho, preto ou dourado; as segundas devem ser discretas e sem detalhes – como penas, pedras, brilhos etc. No dia de santa ceia, as obreiras devem usar o penteado “rabo de cavalo” sem trança e com presilha dourada.

Doravante, seguem-se orientações sobre higiene, que vale tanto para os homens quanto para mulheres. Nesta parte, são dados conselhos sobre como escovar corretamente os dentes, sobre quais tipos de desodorante usar e sobre qual tipo de perfume ideal, além de especificar as partes do corpo – fragrâncias suaves que devem ser aplicadas à “nuca, atrás das orelhas, pulsos, dobras dos cotovelos e atrás dos joelhos”.<sup>18</sup>

Como tratado ao decorrer deste artigo, o obreiro é, sobretudo, a personificação da glória de Deus que é mediada pela Igreja Universal do Reino de Deus e este é um importante agente que trabalha e luta contra o mal a todo momento. Há, principalmente durante o uso

<sup>16</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/> Acesso em 19set. 2018.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Ibidem.

do uniforme, uma ideia de trânsito de autoridade religiosa, por meio do qual, o obreiro, além de poder ser reconhecido por um “pagão” como um representante de Deus, está apto para lidar com qualquer problema que possa ocorrer nas reuniões da Igreja. Durante o manual fica explícita a ideia de padronizar o perfil do obreiro, baseado nas concepções de mulher e homem ideal criados tanto pela Igreja quanto pelo seu líder máximo Edir Macedo.

**Vinícius da Silva Ramos** é graduando em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e bolsista de Iniciação Científica do CNPQ, sob orientação do prof. Clínio de Oliveira Amaral, Integrante do Laboratório de Estudos dos Protestantismos (LABEP).

### **Rerefências bibliográficas:**

AMARAL, Clínio de Oliveira. **Neopentecostal sanctification through Medievalism: a study of the Valdemiro Santiago's hagiography**. In: ALSCCHUL, Nadia; RUHLMANN, Maria (orgs.). **Ibero-American Medievalisms**. Glasgow, UofG [prelo].

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MACEDO, Edir. **O Perfil do Homem de Deus**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal LTDA, 2002.

MACEDO, Edir. **O Perfil da Mulher de Deus**. Rio de Janeiro: Unipro Editor, 2009.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicato dos mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

### **Fontes digitais:**

<https://www.igrejauniversal.org.br>

<https://sites.universal.org/obreirosuniversal/manual/>

<https://sites.universal.org/obreirosuniversal/blog/2017/06/11/santidade-ao-uniforme/>